

Thalita de Oliveira Fernandes Pinto

**EU SEI DA MINHA HISTÓRIA: UMA CONCEPÇÃO SOBRE MEMÓRIAS  
DE IDOSOS**

VIÇOSA - MINAS GERAIS  
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV  
2014

Thalita de Oliveira Fernandes Pinto

**EU SEI DA MINHA HISTÓRIA: UMA CONCEPÇÃO SOBRE MEMÓRIAS  
DE IDOSOS**

Projeto experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Ricardo Duarte Gomes da Silva

VIÇOSA - MINAS GERAIS  
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV  
2014



Universidade Federal de Viçosa

Departamento de Comunicação Social

**JORNALISMO | UFV** Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Projeto experimental intitulado *Eu sei da minha história: uma concepção sobre memórias de idosos*, de autoria da estudante Thalita de Oliveira Fernandes Pinto, aprovado pela banca examinadora constituída pelos seguintes membros:

---

Prof. Dr. Ricardo Duarte Gomes da Silva – Orientador  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo – UFV

---

Prof. Dr. Rennan Lanna Martins Mafra  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo – UFV

---

Prof. Dr. Ernane Correa Rabelo  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo – UFV

Viçosa, 28 de novembro 2014

## AGRADECIMENTOS

Quatro anos se passaram. E passaram muito rápido. Há poucos meses eu estava preocupada com o tema do Trabalho de Conclusão de Curso, ainda engatinhando na ideia. Bem, depois de muito esforço, meses de pesquisa e algumas noites sem dormir, consegui concluir meu trabalho com imensa satisfação. Foi gratificante. Tenho certeza que cada palavra escrita tem a influência de alguém especial, uma palavra amiga, ou mesmo um puxão de orelha para finalizar o livro e o memorial.

Tantas conquistas não seriam alcançadas sem ajuda de algumas pessoas. E é hora de agradecer. Primeiramente, memoro a Deus por todas as realizações em minha vida. Sem Ele jamais teria conquistado coisa alguma. Aos meus pais, Eduardo e Maria José, pessoas maravilhosas que só eu sei o quanto lutaram para que eu conseguisse chegar até aqui. Meu pai carregando cada saco de fubá e milho, trabalhando muito para eu concluir os estudos. Claro, minha mãe ao seu lado, batalhando e vendendo cada grão de ração da loja, se cansando, mas com o único objetivo de me ver formada. Algumas palavras ou mesmo um livro inteiro dedicado a eles não seria suficiente para mostrar o quanto os amo e admiro.

Agradeço também a todos meus familiares, meu amado avô Antônio Pinto, minha linda avó Josefina, tios, tias, primos e primas que sempre torceram por mim e foram cruciais com os gestos de incentivo na minha jornada. Ao meu noivo Leo, meu amor e total gratidão. Sem o Leo em minha vida, não teria alcançado muitos dos meus objetivos, não teria conquistado tanto. Meu noivo foi, e é, em Viçosa a minha força, a motivação por eu estar aqui hoje e querer continuar.

Sou imensamente grata à coordenação e aos funcionários do asilo de Ponte Nova, principalmente pelo carinho e respeito, não a mim especificamente, mas aos que lá vivem. Ver que alguém trata os que já passaram por tanto ao longo da vida e acabaram esquecidos com um sentimento verdadeiro me fez acreditar na esperança de um bem maior. Também recordo com admiração o secretário Hermano Luis dos Santos pela confiança e empenho na realização do meu trabalho.

Aos amigos de Viçosa, todo meu carinho, principalmente ao querido grupo formado no começo da graduação. No primeiro dia de aula nos entreolhamos e descobrimos que ali se formaria uma amizade para toda a vida. Foi um prazer imenso poder conviver e estreitar uma relação tão sincera e verdadeira com ‘as meninas e o menino’. Marina Mattos, Patrícia

Meireles, Paula Fernandes, Pedro Vital e Verônica Valverde, foram em Viçosa, e continuarão sendo ao longo da vida, minha família de coração. Cada um e principalmente a cumplicidade do grupo contribuiu para meu amadurecimento profissional e pessoal.

Obrigada a Universidade Federal de Viçosa, juntamente com o Departamento de Comunicação Social e todos os professores – especialmente meu professor orientador Ricardo Duarte – por me proporcionarem embasamento profissional e formação acadêmica, além de me prepararem para os desafios da vida. Aos membros da banca, sou grata por aceitarem o convite de avaliação do meu trabalho. Lembrarei de cada palavra dita ao longo da minha caminhada.

Aos queridos chefes José Frederico Passos, coordenador da CEAD e João Batista Mota, coordenador do setor de revisão e diagramação, meu agradecimento pela oportunidade. Aos amigos de estágio, carinho e respeito.

Por fim, quero lembrar de cada idoso que convivi, os que conversei e os que apenas troquei olhares de cumplicidade. São pessoas especiais as quais me sinto profundamente lisonjeada por ter conhecido. Sem vocês não teria conseguido escrever Eu sei da minha história. Mais importante do que ter escrito o livro, foi tê-los inserido em minha vida.

## RESUMO

O livro-reportagem *Eu sei da minha história* foi um projeto experimental produzido como Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social/Jornalismo na Universidade Federal de Viçosa (UFV) pela aluna Thalita de Oliveira Fernandes Pinto. O livro é um relato da autora que conviveu no asilo municipal de Ponte Nova por uma semana e observou o comportamento dos idosos que lá vivem, bem como seus transtornos psicológicos e relações com os entes externos. *Eu sei da minha história* tem o papel de instigar o leitor a refletir sobre suas atitudes e relações na presente sociedade, além de criar uma perspectiva sobre o futuro.

**Palavras-chave:** Jornalismo literário; Livro-reportagem; Memória; Asilo; Idosos.

## ABSTRACT

The book-report *Eu sei da minha história* was an experimental work produced as a Completion of Course Work on Social Communication/Journalism in Federal University of Viçosa by student Thalita de Oliveira Fernandes Pinto. The book is a narrative of the author who stayed in the municipal asylum of Ponte Nova – MG by one week and observed the behavior of the elderly living in there as well as their psychological disorders and relationship with relatives. *Eu sei da minha história* aims to entice the reader to reflect on their attitudes and relations in this society plus create a perspective on the future.

**Key words:** Literary journalism; Book-report; Memory; Asylum; Elderly.

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>1. REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>10</b>
<b>1.1. Envelhecimento</b>	<b>10</b>
<b>1.2. Memória</b>	<b>11</b>
<b>1.3. Jornalismo literário</b>	<b>13</b>
<b>1.4. Livro-reportagem</b>	<b>16</b>
<b>2. RELATÓRIO TÉCNICO</b>	<b>18</b>
<b>2.1. Pré-produção</b>	<b>18</b>
<b>2.1.1 personagens</b>	<b>19</b>
<b>2.1.2 metodologia</b>	<b>19</b>
<b>2.2. Produção</b>	<b>22</b>
<b>2.3. Pós-produção</b>	<b>24</b>
<b>2.3.1. Descrição do produto</b>	<b>25</b>
<b>2.3.2. Orçamento</b>	<b>25</b>
<b>2.3.3. Materiais</b>	<b>26</b>
<b>2.3.4. Cronograma</b>	<b>26</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>29</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>31</b>

## INTRODUÇÃO

Tendo em vista que a população idosa vem crescendo significativamente nos últimos anos e futuramente o Brasil será um país de idosos, notou-se que há uma carência em materiais jornalísticos que trabalham a questão do tratamento de pessoas da terceira idade de forma ampla e reflexiva; bem como matérias que compreendam a forma de pensar dos velhos, suas perspectivas de vida e suas relações com o mundo. Desse modo, essas são abordagens não muito exploradas nos meios de comunicação.

A produção de um livro-reportagem sobre a visão que o velho tem de seu passado e presente, é portanto, um meio de suprir essa carência de exploração sobre o tema ao mesmo tempo em que se faz como forma de retorno a esse grupo e seus familiares. É uma maneira de preencher essa lacuna presente no jornalismo atual.

Segundo uma pesquisa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população de idosos poderá chegar a um número superior à população de crianças e adolescentes até 14 anos. As estimativas para 2055 são de aumento desse grupo da terceira idade ultrapassando a quantidade de jovens com idade até 29 anos (BIANCHI, 2013).

Outra pesquisa, mencionada pelo site do governo federal, apresentou a falta de casas de acolhimento para pessoas da terceira idade no país, comparada ao número de integrantes dessa faixa etária. De acordo com o Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) a população de idosos no Brasil em 2011 era de mais de 20 milhões e existiam apenas 218 asilos públicos. Cerca de 71% dos municípios brasileiros não contém um local de acolhimento para a terceira idade (BRASIL, 2011).

Observa-se nesse contexto um crescimento expressivo dessa população tão complexa em termos sociais, biológicos e psicológicos e, ao mesmo tempo uma carência de um local adequado com infraestrutura e recursos diversos para acolher idosos brasileiros carentes.

A partir do compromisso com papel jornalístico, o presente trabalho de conclusão de curso tem por finalidade refletir sobre a mudança na forma de agir dos idosos através de uma análise comportamental e de suas memórias ao relatar sobre histórias do passado intercalando com momentos do presente. É importante discutir também a relação entre o papel do jornalista em ser fidedigno à informação ao mesmo tempo em que se pode adotar técnicas do jornalismo



literário para que a mensagem levada ao público seja de fácil interpretação e com um teor artístico, fugindo ao modelo tradicional do jornalismo diário.

O presente trabalho, portanto, se justifica no papel de cumprir o dever jornalístico de transmitir informação ao público, problemas do meio, apresentando a veracidade dos fatos, através de um livro-reportagem que revela os aspectos físicos e psicológicos de idosos que vivem determinadas circunstâncias, tais como afastamento familiar, cuidado asilar e suas relações com a sociedade. Além do intuito de manter a história viva, preservando a importância da memória oral.

A justificativa para a escolha do livro-reportagem se dá pelo fato de que esse é um tipo de produto não periódico, podendo ser de grande abrangência e que cumpre o dever de informar, explicar sobre determinado assunto e mostrar pontos de vista muito mais aprofundados que o simples jornalismo realizado no dia-a-dia. Para Lima (2004), o livro-reportagem tem como finalidade,

informar e orientar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, ideias e figuras humanas, de modo que ofereça ao leitor um quadro da contemporaneidade capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo (LIMA, 2004, p.38).

A linguagem no livro também pode ser tratada de forma mais simples, desprovido de tanta formalidade, se fazendo mais clara e objetiva ao público que terá acesso ao material.

Outro motivo que justifica essa pesquisa, não menos importante, é de ordem pessoal. A escolha sobre o tema “memória de idosos” deu-se pela relação entre a pesquisadora e seu avô. Com o envelhecimento do seu avô e agora, seu notório problema de Alzheimer, a aluna acabou se aproximando mais dele. Com isso, notou-se que o avô se tornou uma pessoa mais carinhosa com ela, querendo mais sua presença.

Diante de tal situação, percebeu-se que, o idoso só precisa de alguém que esteja ali, ao seu lado, mesmo que em silêncio. Assim, a aluna construiu uma grande reportagem contando as histórias de seu avô, a qual ele mesmo era o narrador. Com o resultado satisfatório, definiu-se esse tema como trabalho de conclusão de curso. A proposta foi estabelecer uma troca de relações e contribuir para que o idoso sinta-se parte de uma história, uma pessoa definitivamente importante para a sociedade com toda sua carga, sua trajetória.

# 1. REFERENCIAL TEÓRICO

## 1.1. Envelhecimento

O grupo da terceira idade tem notoriamente se destacado pelo crescimento recorrente no Brasil. O portal de notícias *Terra* trouxe em novembro de 2013 uma matéria, tendo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) como fonte, mostrando que em 2030 o Brasil será um país de idosos.

Ainda segundo esses dados, em 2010 o número de pessoas com idade superior a 60 anos ultrapassava 20 milhões, representando cerca de 10,8% da população brasileira. Uma parcela considerável de um povo que carrega consigo inúmeros fatos, histórias, ideologias. Por vezes, um grupo ignorado pelo resto da sociedade, desconsiderando toda sua complexidade e carecendo dos devidos cuidados.

Para Ermida (1999), citado por Rebelo (2007), o envelhecimento se dá de forma inerente ao ser humano, sem qualquer relação com a decorrência de doenças, fazendo-se por consequência, a redução da funcionalidade do organismo diante do passar do tempo.

Rebelo ainda afirma que:

O envelhecimento, embora marcado por mutações biológicas visíveis, é também cercado por determinantes sociais que tornam as concepções sobre velhice variáveis de indivíduo para indivíduo, de cultura para cultura, de época para época. Assim, é impossível dar significado à palavra "velho" fora dum contexto cultural e histórico (REBELO, 2007, p. 23).

Envelhecer faz parte do ciclo de desenvolvimento natural do ser humano; se dá por todo um processo biológico dividido e subdividido em diferentes etapas como crescimento, maturidade/ reprodução e declínio. Entretanto, não há uma fase exata a qual pode se decretar que houve um declínio. “Trata-se de um processo individual, normal e universal, que se desenvolve a ritmos diferentes, sem atingir com o mesmo grau de degenerescência todos os sistemas orgânicos” (FIGUEIREDO, GUERRA e SOUSA, [200-?]).

O estudo sobre o processo de envelhecimento, também conhecido como Gerontologia baseia-se em análises de caráter biológico, social e comportamental. Segundo Santos (2003), a Gerontologia se associa com determinadas questões sociais, como aumento da expectativa de vida; crescente demanda dos serviços de saúde para a terceira idade; aumento nos gastos de doenças crônicas não transmissíveis e outros fatores que influenciam significativamente a

sociedade. “A Gerontologia estuda o envelhecimento humano levando em conta não apenas o efeito desse processo sobre o sujeitos, como também sobre os contextos sociais nos quais eles se encontram e estão inseridos” (PUC-SP, 2014).

Esse conceito contribuiu para a pesquisa pelo fato dos idosos – os quais serão as personagens do livro-reportagem – conviverem em um asilo, afastados do ambiente familiar.

## **1.2. Memória**

Mesmo sendo jovem já é árduo manter certas lembranças, e com o envelhecimento, os pensamentos embaraçosos em virtude do “peso da maturidade” tornam as recordações ainda mais complexas. Uma das questões levantadas ao longo da pesquisa foi: já que os aspectos biológicos que fazem com que a pessoa da terceira idade esqueça assuntos corriqueiros e fatos do presente, para “não perder o controle” a pessoa se apega a fatos do passado. Segundo Bosi (2003, p.20) “a memória parte do presente, um presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais.” Situação evidente a qual o idoso se encontra.

Memória é a lembrança de algum fato, seja vivido pela pessoa ou outro que de certa forma, influenciou na vida desse alguém. “A memória se enraíza no concreto, no espaço, gesto, imagem e objeto. A história se liga apenas às continuidades temporais, às evoluções e às relações entre as coisas” (BOSI, 2003, p.16). Aplicando esse conceito ao asilo, deduz-se que a pessoa da terceira idade que está em uma casa de repouso, longe do ambiente familiar, não possui esse concretismo que possa resgatar sua memória. Ao mesmo tempo, o apego ao passado é base para conviver em um abrigo divergente do construído por laços familiares, onde não se tem nenhum vínculo com os outros moradores. Essa complexidade torna-se um paradoxo entre o lembrar e o esquecer relacionado a idade. “Para começar, não há como pensar a memória sem pensar no esquecimento. Os termos não são antagônicos e não podem ser pensados em um defasado modelo maniqueísta. Eles convivem e se relacionam em complexas teias de conexão e interfaces” (PENA, 2006, p.73).

A convivência no asilo e principalmente os depoimentos dos idosos evidenciaram plenamente as características das memórias dos mesmos. As lembranças servem como

consolo, ou mesmo (quando associada a uma doença, como é o caso do *Bancário*, por exemplo) a uma vida paralela a real. Pena explicita bem essa concepção:

Você já deve ter ouvido a famosa frase de Descartes: “penso, logo existo”. Ela expressa a crença na racionalidade, na identidade centrada do homem. Pois é, só que nos tempos atuais essa identidade talvez possa ser definida por uma outra frase, análoga à primeira: *lembro, logo existo*. No ritmo alucinante da contemporaneidade, com mudanças aceleradas e dissolução de certezas e referenciais, recorrer à memória é mais do que uma compensação. É uma tentativa desesperada de encontrar alguma estabilidade diante da reordenação espacial e temporal do mundo. Lembrar é trazer de volta antigos modos de vida e experiências sociais. É tentar reviver momentos de coerência e estabilidade. (PENA, 2006, p.72)

Portanto, o resgate das lembranças é uma necessidade para se conviver em novo ambiente, como no caso do asilo, totalmente incomum aos idosos até um determinado momento. Porém, segundo Halbwachs (1990), esse novo lugar pode, mesmo que indiretamente, afetar as lembranças dos que nele vivem. Um novo ambiente pode causar influências às memórias, criando por vezes, uma mescla de memórias factuais com fantasiosas, devido a determinados objetos, o que eles representam e até mesmo a convivência.

A respeito do asilo propriamente dito, o fator que mais gera conflito na lembrança é o próprio espaço, já que a interação entre os idosos é praticamente nula.

Existem diversos tipos de memórias, como as apontadas por Ecléa Bosi em seu livro *O Tempo vivo da Memória*, tais como familiar, política, memória do trabalho, etc. As memórias ainda se subdividem como memória pública e memória individual, sendo memória pública ou “[...] coletiva, a produzida no interior de uma classe, mas com poder de difusão, a qual se alimenta de imagens, sentimentos, ideias e valores, que dão identidade e permanência àquela classe” (BOSI, 2003, p. 22). Para Maurice Halbwachs, o contexto e os detalhes precisos de determinada história no passado se firmam não somente na nossa recordação, mas em lembranças de outras pessoas, que em conjunto, reconstituem a história. É para ele, a chamada memória coletiva. Faz-se importante pontuar esse conceito – que se aplica, inclusive, às irmãs *Tweedledee e Tweedledum* – apesar de a presente pesquisa basear-se quase por completo no uso da memória individual, já que os asilados (exceto as irmãs) não tem nenhum vínculo uns com os outros antes do período de acolhimento no asilo.

O tipo de memória aqui explorado é, portanto, a individual. A memória exclusivamente individual para Halbwachs, pode se dividir em dias, etapas, sendo a primeira denominada “Lembranças da infância” e a segunda, “Lembranças de Adulto”. As lembranças

da infância são reflexos dos primeiros momentos, onde o indivíduo ainda não está inserido no mundo como um “ente social”. As memórias em geral não são detalhistas e conclusivas, apenas *flashes* de determinados acontecimentos. Já as memórias de adultos, exploradas no livro, se desenvolvem em certos momentos, dentro de um determinado quadro social relacionado ao tempo e ao espaço, além das preocupações e circunstâncias da vida, o que gera uma lembrança com determinado ponto de vista, totalmente inerente àquele intrínseco ser.

Outro item a ser discutido é a riqueza da reminiscência. Grandes histórias, fatos, chegam a nós graças a memória oral de nossos antecedentes.

A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, os partidos políticos, etc.) e que existe a transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura (BOSI, 2003 p.15).

Ao afirmar que o velho é o intermediário informal da cultura, Bosi deixa claro que as pessoas da terceira idade têm muito a acrescentar em nossas relações sociais. Elas podem nos mostrar pontos de vista sobre determinados aspectos que não são explorados em livros escolares, por exemplo. Têm pensamentos políticos, religiosos e perspectivas muito mais evidentes que os nossos diante de sua vasta experiência (BOSI, 2003).

Já do ponto de vista jornalístico e literário, a memória, para Lima (2004), é compreendida como recuperação psicológica de fatos e é um excelente método de captação de informações que podem ser usados na construção de um livro-reportagem por proporcionar riqueza de detalhes e uma compreensão maior do ocorrido, diferenciando-se da “frieza” da informação corriqueira.

### **1.3. Jornalismo Literário**

Para Pena, “Balzac, Victor Hugo, Stendhal e outros grandes escritores podem, então, ser considerados como os precursores do jornalismo literário, se classificarmos como tal um gênero que se caracteriza pela publicação de literatura nas páginas de jornais” (PENA, 2007, p. 48). O que faz do jornalismo literário um gênero de simples reprodução de literatura, por vezes confundido com ideologia e ficção. O que não se tem como verdade absoluta, já que o jornalismo literário, especificamente o próprio livro-reportagem, como propõe Edvaldo Pereira Lima, “pode ser encarado como um subsistema do *sistema jornalismo*” (LIMA 2004,

p. 8). Mantendo-se, portanto, a veracidade das informações e o compromisso com o público de levar conhecimento e proporcionar um olhar crítico para determinados fatos. “Prisioneiros dessa lógica, os jornalistas sérios, comprometidos com a sociedade, têm seu espaço reduzido e buscam alternativas. O Jornalismo Literário é uma delas” (PENA, 2006, p.13).

A diferença se baseia nos detalhes, no aprofundamento do conteúdo que vai além dos simples aspectos do corriqueiro, ou a reprodução indiscriminada de informações que são julgadas como de relevância para a população, trazendo à tona um caráter reflexivo do produto, com uma riqueza de dados e pontos de vista.

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2006 p.13)

Com essa visão, percebe-se que uma das principais formas de fazer o jornalismo literário é vivenciar fatos e acontecimentos, inserir-se na história para reproduzi-la, tendo cuidado para não cair em invenções ou ideologias. Pena ainda propõe em seu artigo para a revista *Contracampo*, uma subdivisão de gêneros do jornalismo literário em *New Journalism*, romance-reportagem, biografia, jornalismo gonzo, etc. Nessa perspectiva, a conclusão da autora foi que, com relação à estrutura metodológica, o produto se aproxima do *New Journalism*:

O novo jornalismo traz à luz dos holofotes o mesmo timbre comum da sensualidade, de mergulho completo, corpo e mente, na realidade, como acontecia em todas as formas de expressão da contracultura. [...] À *objetividade* da captação linear, lógica, somava-se a *subjetividade* impregnada de impressões do repórter imerso dos pés à cabeça no real. (LIMA, 2004, p.195)

Essa inferência foi dada pelo fato do presente livro se apresentar como uma experiência vivida através do processo de imersão da autora no asilo, convivendo com os asilados, compartilhando momentos com os mesmos, adotando técnicas jornalísticas relacionadas ao caminho da subjetividade, da descrição minuciosa de lugares e pessoas, abordando características físicas e psicológicas, sendo capaz de discorrer sobre detalhes, coisas imperceptíveis aos olhos do jornalismo cotidiano. Além da própria produção, com a informalidade ao contar as histórias, em busca de uma maior aproximação com a real conversação. Dando mais leveza e humanismo à leitura.

A ideia básica no Novo Jornalismo americano, ainda nas palavras de Wolfe, é evitar o aborrecido tom bege pálido dos relatórios que caracteriza a tal “imprensa objetiva”. Os repórteres devem seguir o caminho inverso e serem mais subjetivos. Não precisam ter a personalidade apagada e assumir a encarnação de um chato pensamento prosaico e escravo do manual da redação. O texto deve ter valor estético, valendo-se sempre de técnicas literárias. É possível abusar das interjeições, dos itálicos e da sucessão de pontuações. (PENA, 2006, p.54)

Dentre algumas das formas para se fazer uma pesquisa de análise qualitativa com o intuito de compreender determinados estados feitas pela aluna, destacam-se: a) observar o comportamento que ocorre naturalmente no contexto da realidade social. b) criar situações artificiais e observar o comportamento diante das tarefas definidas para essas situações; c) perguntar às pessoas sobre seus comportamentos, o que pensam e pensaram (GUNTHER, 2007).

O processo de imersão com base na técnica jornalística de coleta de dados definida como observação participante tem seu auge no *New Journalism*, década de 60. Segundo Lima (2004), o cenário era de uma juventude um tanto quanto rebelde com relação às causas políticas e sociais da época. Esse contexto acarretou mudanças nos ramos das artes plásticas, na música, na política e claro, no jornalismo.

Quando o *new journalism* esboça-se, ramo desse contexto comum, a sua forma de captação do real vai se caracterizar também por esse mergulho de cabeça no sensual, no sensório não só para acompanhar a *revolução* que toma conta dos setores mais liberais do país como também para recriar e produzir o que se passa em setores não vanguardeiros assim da sociedade americana. (LIMA, 2006, p.122)

Assim, se faz presente a observação participante, como aponta Tom Wolfe nas palavras de Lima “descobrem que não há como retratar a realidade senão com cor, vivacidade, presença” (LIMA, 2006, p. 122). Onde o jornalista passa a fazer parte do cenário da reportagem, por vezes passam dias, meses ou até mesmo anos se dedicando ininterruptamente a determinada produção de material, convivendo com as fontes, adotando seus hábitos, interferindo diretamente nesse cotidiano.

Um grande exemplo, clássico dos livros-reportagem, é *A sangue frio* de Truman Capote. O autor adotou a técnica de observação participante, trabalhando cerca de cinco anos nessa obra. Outro destaque para a aluna é o livro *A difícil vida fácil – a prostituta e sua condição*, da autora Amara Lúcia, livro não tão conhecido, mas que foi de grande relevância e inspiração para esse trabalho, por se tratar de uma mulher que se prostituiu por seis meses com a finalidade de compreender como era a vida de uma mulher de programa no nordeste

brasileiro. A partir da leitura desse livro, a aluna percebeu o quão importante era fazer parte do mundo da fonte, e que apesar de não poder se tornar uma idosa, faria o possível para imergir na vida da terceira idade, a fim de produzir *Eu sei da minha história* com qualidade.

#### **1.4. Livro-reportagem**

O livro-reportagem é uma espécie de ramificação do gênero jornalismo literário. Para se compreender o que é um livro reportagem, deve-se partir da premissa do que é uma reportagem. Para Muniz Sodré, reportagem “é uma extensão da notícia e, por excelência, a forma narrativa do veículo impresso” (SODRÉ, 1986, p. 11). A reportagem é veiculada em diferentes meios de comunicação adaptando-se aos seus devidos formatos.

Em nosso cotidiano é mais comum lidarmos com reportagens em plataformas na internet, na TV, jornais e revistas. Porém, há grandes reportagens que são dispostas em livros. São, em geral, bem mais completas devido ao formato, tempo de apuração, abordagem, etc., como afirma Lima (2004) ao declarar que livro-reportagem é um veículo de comunicação sem periodicidade que apresenta reportagens em um grau de abrangência muito maior que os veículos periódicos de comunicação jornalística.

Além desse aspecto, o livro-reportagem pode se diferenciar de outros tipos de publicação – que por sua vez também são classificados como livro – por três condições que são inerentes ao ramo jornalístico, sendo: o conteúdo, que se trata do real, “a veracidade e a verossimilhança são fundamentais” (LIMA, 2004, p.27); o tratamento, relacionado aos aspectos de edição e montagem, além do uso da linguagem jornalística, “O livro-reportagem obedece, em linhas gerais, às particularidades específicas à linguagem jornalística, facilmente identificáveis na mensagem que veicula, mas naturalmente oferece maior maleabilidade de tratamento [...]” (LIMA, 2004, p.28); e por fim, a função, que se refere às finalidades do livro-reportagem com o dever de levar conteúdo ao público. “Quanto à função, o livro-reportagem pode servir a distintas finalidades típicas ao jornalismo, que se desdobram desde o objetivo fundamental de informar, orientar, explicar” (LIMA, 2004, p.28).

A proposta do livro-reportagem *Eu sei da minha história*, não é especificamente se adequar a um modelo direcionado do gênero literário, apesar de condizer com a concepção de



Lima como livro-reportagem-perfil, por mostrar aspectos físicos e psicológicos das pessoas anônimas do asilo.

Trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse. No primeiro caso, trata-se, em geral, de uma figura olímpica. No segundo, a pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão. (LIMA, 2004, p.51-52)

A concordância por utilizar o gênero perfil se deu por proporcionar um trabalho com pessoas e suas intervenções no meio em que vivem. Trata-se de um estudo das relações sociais de certo grupo da terceira idade que são como espelho de uma sociedade individualista. Um produto que “é (e só pode ser) sobre pessoas reais, vivências reais, lugares reais” (VILAS BOAS, 2008, p. 11). Justamente para que não haja confusão com situações fantasiosas e/ou devaneios.

O gênero literário, como qualquer outro, tem o compromisso com o real, com a veracidade das informações seguindo a conduta e a ética jornalística, ao mesmo tempo em que é proporcionado o viés literário. “Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata de Jornalismo, nem de Literatura, mas sim de melodia” (PENA, 2006, p.21).

Dentro dessa concepção, um recurso adotado pela pesquisadora para a produção do material, além da observação participante, foi a técnica denominada *Histórias de vida*, por Lima (2004). Esse é um recurso que proporciona um diálogo entre o entrevistador e o entrevistado, com narrativa em primeira ou terceira pessoa e diálogos ou depoimentos diretos, que enfatizam a oralidade e proporcionam um aspecto mais humano ao texto.

Com essas observações, nota-se que a construção do livro-reportagem *Eu sei da minha história* foi a melhor escolha a fim de retratar como as recordações de idosos anônimos refletem em seus comportamentos no local em que vivem, por ser um material sem periodicidade, com exploração de conteúdo (principalmente no âmbito psicológico) e possibilidade de imersão da autora na obra. Assim, todos os aspectos até aqui abordados foram de extrema relevância para definir que o produto elaborado seria de caráter literário, capaz de reproduzir as memórias dos idosos que habitam o Asilo Municipal de Ponte Nova. Já que para Lima (1998) a reportagem estende cenários dos acontecimentos e explica melhor determinadas

situações que necessitam de maior abrangência de análise. Assim, o livro proporciona maior aprofundamento no assunto e se faz mais reflexivo para o leitor.

## **2. RELATÓRIO TÉCNICO**

### **2.1. Pré-produção**

O gênero – literário – do produto desenvolvido para o presente trabalho de conclusão de curso foi idealizado ainda na disciplina de Jornalismo Literário (COM 353), ministrada pelo professor Ernane Rabelo, no segundo semestre de 2013. Já o formato livro-reportagem, bem como suas abordagens, escolha do perfil de fontes e angulação, assim como a proposta de resgatar memórias de velhos que não convivem com seus familiares, foram definidos durante a elaboração do projeto de pesquisa que leva o mesmo nome deste memorial, realizado na disciplina Pesquisa da Comunicação (COM 390), ministrada pela professora Mariana Ramalho durante o primeiro semestre de 2014.

Com o embasamento teórico dessas disciplinas, a aluna juntamente com seu orientador partiu para a execução do livro-reportagem. Assim, posteriormente foi definido o asilo o qual o trabalho seria realizado, como o Asilo Municipal de Ponte Nova, por tornar a pesquisa mais viável, já que é a cidade natal da estudante.

A partir de toda essa proposta estipulada e ainda na fase de pré-produção, a aluna primeiramente entrou em contato com o secretário de assistência social da cidade de Ponte Nova, Hermano Luis dos Santos, para uma autorização prévia da execução do trabalho, sendo posteriormente encaminhada para a coordenadoria do asilo, entrando em contato com a coordenadora Maria Madalena Delgado Caetano. Tendo uma autorização informal do secretário e da coordenadora, a estudante iniciou a etapa de coleta de dados em um processo de imersão no asilo da cidade, passando uma semana convivendo com os asilados, acompanhando a rotina dos mesmos, observando o comportamento tanto dos idosos quanto dos funcionários, conversando e analisando seus hábitos e costumes em geral.

De acordo com Britto e Perez (2011) o levantamento de dados para a pesquisa se funde em três momentos: o primeiro se baseia em uma pesquisa bibliográfica; o segundo se refere a observação dos fatos a fim de obter mais informações; e o terceiro, por sinal o crucial, conseguir informações não fornecidas nos momentos anteriores. Dentro dessa técnica destaca-

se a entrevista como principal forma de apuração. A partir dessa asserção, a aluna iniciou o trabalho coletando informações para produção do livro.

### **2.1.1 Personagens**

Todos os personagens do material produzido são reais e vivem atualmente no asilo municipal, porém, em acordo com a coordenadoria do mesmo, não foi possível nenhum tipo de identificação, exposição de nome verídico e imagem, para fim de preservação da fonte. Para concluir essa pesquisa, a aluna assinou uma declaração de compromisso se comprometendo a não divulgar os nomes dos asilados, bem como suas imagens resguardando a integridade dos entrevistados, conforme anexo.

Apesar de algumas fontes possuírem apelidos, fez-se necessário não os evidenciar no livro como forma de preservação. Assim, os pseudônimos *Amigo das Nuvens*, *Bancário*, *Caminhoneiro*, *Enigmática*, *Galo da Madrugada*, *Irmãs Tweedledee e Tweedledum*, *Papeleiro*, *Solitário* e *Sonhador* foram dados pela autora, de acordo com as profissões, características físicas e psicológicas e comportamento dos mesmos.

Como se pode notar lendo o livro, nem todos são naturais de Ponte Nova, apesar de ter uma ligação com a cidade ou com a região. Quanto a idade, não foi possível obter esses dados oficiais, devido a falha de memórias dos entrevistados e restrições na diretoria do asilo, que não permitiu acesso a dados dos asilados. Assim, o produto de baseou na “crença” de idade dita pelas fontes, como no caso das irmãs.

### **2.1.2 Metodologia**

O processo de coleta de dados deu-se por quase total imersão da aluna no asilo – técnica cognominada “observação participante”. Essa vivência foi fundamental para a elaboração de um livro-reportagem mais “leve”, quebrando os paradigmas do jornalismo tradicional e adentrando a literatura usando a técnica referida. A observação participante para Lima (2004) é uma técnica característica do gênero literário, não chegando a ser o típico jornalismo gonzo, porém adentrando-se aos parâmetros do *New Journalism*, onde a pesquisadora introduz-se no ambiente dos idosos.

Assim, foi determinado que o tempo de convivência com os velhos seria integral durante uma semana. Em acordo com a coordenadoria, foi estipulado um horário de chegada e saída, sendo respeitado pela aluna. Durante esses sete dias de pré-produção, a pesquisadora chegou ao asilo por volta das 07h30min horas da manhã, retornando às 18h30min da tarde, horário em que muitos idosos iam se recolher. Nesse tempo a aluna permaneceu ao lado dos velhos podendo circular pelas áreas internas do asilo de acesso comum, sendo restrita a entrada em locais como quartos, salas de remédios, secretaria, cozinha e outros locais de acesso exclusivo aos funcionários. Outro momento de afastamento entre a autora do livro e os asilados foi durante as refeições, não podendo ela participar dessas, bem como não fazer nenhum tipo de alimentação – principalmente fora da hora determinada pela coordenadoria asilo – perto de algum idoso, já que a alimentação de todos é balanceada e de acordo com suas necessidades de saúde. Além desses fatores, também foi estabelecido que a aluna não poderia administrar medicamentos ou auxiliar na locomoção, nem mesmo dos cadeirantes – sendo preciso chamar um funcionário para atender qualquer tipo de necessidade do idoso.

Com algumas restrições também aplicadas aos velhos, a pesquisa se deu por convivência, praticando as mesmas atividades, tendo a mesma rotina, passando tempo juntos. O gravador se mantinha ligado em tempo integral para captar as informações interessantes que poderiam ser aproveitadas no produto. Nenhuma das fontes concedeu uma entrevista propriamente dita, com o gravador direcionado para o depoente, conforme aquele modelo “redondo” proposto pelo jornalismo corriqueiro que se baseia em perguntas e respostas diretas e objetivas. Foi um trabalho de paciência o qual a própria convivência proporcionou informações relevantes que poderiam ser abordadas. A coleta de dados se deu em entrevista de profundidade sem uma forma definida.

Para Duarte (2009), a entrevista em profundidade proporciona maior flexibilidade de perguntas e respostas entre o entrevistado e o entrevistador, além de não ter como objetivo dados específicos ou estatísticas. A intenção é fornecer um aprofundamento no assunto, algo que possa gerar algum tipo de reflexão, se tornando muito mais subjetivo. Para o autor: “A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que deseja conhecer.” (DUARTE, 2009, p. 62).

A ideia não foi criar uma linha cronológica de pensamentos, com ênfase em datas precisas de certos acontecimentos ou nada do tipo. O objetivo era de captação de respostas com qualidade. O que se esperava das fontes, de fato, era um reflexo da intensidade de lembranças que eles tinham, mesmo com todas suas contradições. As contradições, por sua vez, contribuíram para uma melhor retratação do funcionamento da mente humana na terceira idade, o que facilitou o trabalho.

A seleção de fontes para o projeto *Eu sei da minha história* estabeleceu-se de acordo com os aspectos físicos e mentais dos idosos, levando em consideração a facilidade de expressão e memória inteligível. Esse aspecto da memória inteligível se dá pelo fato de, apesar de ser compreensível que pessoas da terceira idade não consigam lembrar-se de determinados acontecimentos com precisão, faz-se necessário que ao menos tenham a capacidade de conversar com a entrevistadora, compreendendo suas perguntas e sendo capazes de responder. Muitos dos habitantes dessa casa de acolhimento a qual a aluna passou uma semana, não têm condições de saúde física ou psicológica suficientes para ceder uma entrevista, por terem doenças provenientes da idade avançada como, por exemplo, Alzheimer. Outros nem mesmo falam ou compreendem o que é falado com eles, sendo incapazes de manter um diálogo. E ainda há aqueles acamados que provavelmente não entendem o que está ao seu redor, sendo totalmente apáticos.

A aluna posteriormente coletou dados de idosos que seriam capazes de estabelecer uma conversa. Com essa pré-seleção feita, partiu-se para análise de conteúdo, levando em consideração a fluidez das conversas, as declarações dos personagens tais como lembranças de seus familiares, seus empregos, moradias no passado e fatos marcantes aos quais pudessem falar com coerência. Fontes que não se mostraram capazes de discorrer sobre esses assuntos e se mostraram totalmente confusas foram descartadas.

Os conteúdos buscados nas conversas foram as experiências de vida dos idosos, não tendo um roteiro pré-estabelecido. As respostas eram, na verdade, casos, histórias que a aluna não fazia ideia do que se tratava, ou mesmo que rumo tomava. Contos diversos, desde histórias familiares a trabalhos e vidas noturnas, como encontros com prostitutas, por exemplo.

A abordagem foi em profundidade e a atenção das respostas foi voltada para os detalhes, com interrupções da pesquisadora para se atentar somente a algumas datas que

seriam extremamente necessárias, locais e pessoas específicas, a fim de dar mais sentido à história que posteriormente seria contada.

Quase todas as entrevistas foram realizadas no mesmo ambiente – os tão citados bancos de madeira que ficam na porta do asilo – por ser o local em que os asilados passam mais tempo, tendo contato, mesmo que restrito, com a cidade. Os personagens que não ficam com frequência nesse local são a *Enigmática* e o *Bancário*, por serem cadeirantes e dependerem dos funcionários com mais frequência.

Todas as entrevistas foram gravadas com intuito de manter as informações detalhadamente, bem como a subjetividade e sentimentalismo das fontes. Além do gravador, foi usado um bloco de anotações para escrever sobre o lugar, bem como as características físicas dos asilados e qualquer outra pontuação que viria a ser importante para a produção do material.

Após todos os áudios gravados veio a fase de decupagem dos mesmos, onde a aluna, em seu *notebook*, usufruiu do programa *Microsoft Word 2010*, usando a fonte *Times New Roman*, corpo 12, para melhor visualização das conversas. Posteriormente, todas as transcrições foram impressas a fim de se ter uma boa leitura e dar início a construção do livro propriamente dito.

## **2.2. Produção**

Essa etapa envolveu a produção tanto do livro quanto do memorial. Primeiramente relatando sobre o livro-reportagem, é de total relevância explicitar a satisfação da aluna ao produzir esse material. Ao longo da narrativa a aluna lembrou de todos os entrevistados, seus gestos e trejeitos, além do modo de cada um falar. Seu único objetivo era de reproduzir da forma mais fidedigna possível o caráter peculiar de cada um que se tornou um conto.

Todas as histórias foram produzidas de forma independente, em dias alternados ou mesmo com intervalo de semanas, buscando pouco vínculo umas com as outras, para que assim, o leitor possa abrir o livro em qualquer capítulo e ler algo sobre uma pessoa anônima que vive em um asilo no interior de Minas Gerais.

Mesmo com essa autonomia das histórias, a narrativa foi montada de forma cronológica, exceto no primeiro capítulo. Em uma conversa com o professor orientador

Ricardo Duarte, a aluna relatou que algumas histórias já estavam prontas, mas não sabia por qual começar. Desse modo, o professor questionou: “Qual das histórias você lembra agora? Qual chamou sua atenção?” Prontamente foi respondido: “A de um senhor que não sabe que está no asilo. Ele acha que faz uma longa viagem a trabalho. Ele está em uma cadeira de rodas e não consegue se locomover quando quer, por isso acaba afastado dos outros. Também acha que a esposa está viajando para o Rio de Janeiro, mas na verdade, ela já morreu.” E o professor encerrou com: “Pronto, comece por esta.” E assim foi feito. O primeiro capítulo de *Eu sei da minha história* começa com: “E ali no pátio eu estava sentada ao lado de duas senhoras, escrevendo sobre o jardim mal cuidado...”, foi uma técnica de angulação para dar pessoalidade ao texto, instigando o leitor a dar continuidade a leitura, a fim de compreender o que se trata, qual é o local onde a autora se encontra e o que ela faz ali. O objetivo é instigar. Causar curiosidade.

Inicialmente o prólogo não era uma proposta do livro, porém, fez-se indispensável para situar o leitor quanto à localização, além de algumas características do lugar, bem como compreender que a aluna ficou ali por uma semana, e por mais que ela quisesse ser parte daquilo, era um agente externo.

Retomando sobre a escolha da narrativa cronológica, é importante pontuar que ela se deu para mostrar como foram os dias vividos no asilo, como foram as abordagens e em qual situação a autora e os asilados se encontravam.

A narrativa jornalística é como um aparato ótico que penetra na contemporaneidade para desnudá-la, mostra-la ao leitor, como se fosse uma extensão dos próprios olhos dele, leitor naquela realidade que está sendo desvendada. Para cumprir tal tarefa, a narrativa tem de selecionar a perspectiva sob a qual será mostrado o que se pretende. Em outras palavras, deve optar na escolha dos olhos – e de quem – que servirão como extensores da visão do leitor. (LIMA, 2004, p.161)

A aluna fez questão de mostrar seus aspectos psicológicos e suas alterações, influenciados pelo asilo ao longo dos dias, o que foi crucial para o leitor perceber como é a vida naquele lugar.

Os capítulos foram separados pelas histórias de cada um. Cada anônimo ali mereceu ter seu “cantinho” exclusivo na história, totalmente dedicado a ele. Por isso a opção de colocar no título dos capítulos os apelidos dado pela autora à cada um dos personagens, para, assim, caracterizar cada conto. É válido salientar também que cada capítulo foi ilustrado pelo designer Roberto Sant’Ana que trabalha juntamente com a estudante na CEAD –

Coordenadoria de Educação Aberta e a Distância. Nenhuma foto de idoso foi entregue ao Roberto sendo, portanto, as ilustrações frutos da imaginação dele após a leitura. O objetivo foi fazer com que o leitor imaginasse como seria a pessoa “dona” da história e em seguida visse as ilustrações e observasse se elas condiziam com o imaginado.

Inicialmente o título do livro seria *Memórias de um asilo*, como inclusive foi assinado, conforme anexo, no termo de compromisso da Secretaria de Assistência Social de Ponte Nova. Posteriormente, em uma das reuniões da aluna com o orientador, chegou-se a conclusão que o nome *Eu sei da minha história* daria melhor sonoridade e um caráter mais humanizado e pessoal ao livro, tornando-se mais viável e atrativo.

Quanto ao memorial, o pré-projeto elaborado na disciplina Pesquisa da Comunicação, serviu como base para sua produção, tendo a aluna aproveitando grande parte do referencial teórico e algumas considerações. Alguns dados que já não mais estavam de acordo com a proposta foram descartados e o relatório técnico foi modificado de acordo com a fluência de produção do livro.

### **2.3. Pós-Produção**

Após a elaboração do livro-reportagem, a aluna partiu para a finalização. Todos os desenhos feitos por Roberto Sant’Ana foram digitalizados e enviados à aluna por *email*. Roberto fez todos os desenhos à mão usando grafite, para um efeito suave. A capa foi a única exceção, feita no *Adobe Illustrator* e personalizada no *Photoshop*; também foi a única imagem cedida ao ilustrador, captada no programa *Google Street View na Web*, com intuito de mostrar o asilo ao leitor da maneira mais real possível.

Durante a elaboração da contracapa, a autora colocou uma frase de seu orientador escrita após sua leitura do livro. O pequeno texto ganhou destaque e mereceu esse lugar na contracapa por ser uma manifestação da leitura que retrata bem essa concepção da velhice na sociedade atual.

Em seguida, o material foi diagramado no programa *In Design CS6*, no formato A5 (14,8 cm x 21 cm), a fim de ser impresso no mesmo formato por se mostrar como formato padrão de livro.



A fonte escolhida para diagramação das histórias foi a *Garamond* corpo 12 por possibilitar uma leitura não tão cansativa. Já a fonte para os títulos foi a *Chopin script* que se deu por escolha pessoal. Entendeu-se que esse estilo fonte remete a algo mais antigo por ser um estilo manuscrito, fazendo mesmo que indiretamente uma analogia à memória e ao envelhecimento.

Finalizada a edição e diagramação, o livro foi encaminhado à copiadora *Arte Livros*, onde foi impresso. Posteriormente o material foi direcionado aos membros da banca examinadora.

### 2.3.1. Descrição do produto

Número de páginas: 71;

Formato: Brochura – 14,8cm x 21cm (A5);

Páginas: papel *sulfite* 90g;

Capa: colorida.

### 2.3.2. Orçamento

Descrição	Valor
Transporte (passagens de ônibus Ponte Nova – Viçosa; gasolina e circulação interna)	R\$ 54,40
Impressão de material na fase de pesquisa e produção	R\$ 49,95
Impressão dos livros	R\$ 110,36
Impressão dos memoriais	R\$ 30,00
<b>TOTAL</b>	<b>R\$ 244,71</b>

### 2.3.3. Materiais

Quantidade	Descrição
01	Gravador de áudio Sony ICD-PX312F
01	<i>Notebook</i> HP Pavilion dv5-2040br Entertainment PC
01	Bloco de anotações

### 2.3.4. Cronograma

ATIVIDADES	MÊS 1	MÊS 2	MÊS 3	MÊS 4	MÊS 5	MÊS 6	MÊS 7
Elaboração do Projeto	X	X					
Pesquisa	X	X					
Revisão Bibliográfica do Projeto	X	X					
Levantamento de dados para memorial		X	X	X			
Levantamento de dados para livro-reportagem (vivência no asilo)				X			
Construção livro-reportagem				X	X	X	
Execução do Memorial				X	X	X	
Revisão de material						X	X
Defesa							X

Início: Maio de 2014.

Fim: Novembro de 2014.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Houve dificuldades: sim. Houve momentos de angústia em que se pensou em desistir, chorou, achou que não conseguiria terminar o trabalho: sim. Mas também houve muito prazer e satisfação em concluir esse livro-reportagem. Estar com cada velhinho, observar suas expressões, seus gestos, perceber que fazia o bem e recebia o bem. O livro-reportagem *Eu sei da minha história* rendeu um enorme contentamento à autora, fazendo valer cada momento de tensão, de estresse.

O início, duvidoso por tentar estabelecer um contato com as autoridades da cidade para cumprir o objetivo, gerou medo, é claro. As idas e vindas à Secretaria de Assistência Social, os desencontros com o secretário e a coordenadora do asilo e a fraqueza diante das limitações iam se tornando cada vez maior. Porém, as barreiras aos poucos foram quebradas e se fez possível adentrar aos recintos do asilo. A semana não foi das mais fáceis; era tudo novo não somente à aluna, mas também aos funcionários da casa e aos idosos. Apesar da falta de lucidez para certos aspectos, os velhos eram espertos o suficiente para questionar o fato de uma pessoa jovem conviver com eles por uma semana, aparentemente sem necessidade. A produção de um material para a faculdade não foi uma resposta plausível, e a saída – que se tornou bem sincera com o passar dos dias – foi: eu quero ficar na presença de vocês.

O apego emocional se deu de forma espontânea. Apesar de tentar ao máximo seguir as propostas jornalísticas ensinadas na academia, como por exemplo, não criar vínculos de afeto com as fontes, não foi possível não se apegar àquele grupo de asilos. A convivência levou à aproximação, e a proposta literária ligada ao sentimentalismo também. Durante a produção, no momento em que se escrevia cada história, foi possível recordar a maneira de falar de cada idoso, bem como sua entonação e seus trejeitos. Como a própria proposta do trabalho de conclusão de curso denomina: trabalho experimental. Proporcionando a aluna experimentar um novo mundo e a partir dessa experimentação, determinar suas concepções.

Os últimos dias no asilo foram difíceis. Parece não fazer sentido reclamar da fadiga quando se fica o dia todo sentado, olhando a paisagem, mas esse trabalho provou que mesmo o “não fazer nada” gera um cansaço psicológico associado ao sentimento de impotência por não poder sair daquele local, não poder trabalhar, ter uma vida ativa. A pessoa se torna refém da cadeira de rodas, da fraqueza das pernas, da falta de lucidez... da idade. E mesmo para um

externo, como no caso da aluna, que no momento praticou os mesmos hábitos, a monotonia gera desconforto. O desejo de voltar para casa – ter a liberdade de deitar em sua cama quando bem entender, abrir e fechar a geladeira, assistir o canal que quiser na TV – é incontrolável. Difícil suportar ter que depender de alguém para tudo, respeitar regras e limites. Não é como estar em casa. Apesar de ser sua casa, não é sua; você está a passeio – como imagina o Bancário – e o desejo é voltar para a liberdade do lar em breve. E esse foi o maior conflito psicológico da aluna: a vontade de voltar para casa ao fim do dia. E ela teve esse privilégio.

No último dia, porém, a ficha caiu. Outra realidade estava a sua espera. Era preciso voltar a essa sociedade corrida, cheia de idas e vindas, viagens, nostalgia, cantorias, histórias, contradições, saudade, solidão e silêncio. Sim, cheia de Bancários, Galos da madrugada, Solitários, Sonhadores, Enigmáticas... Uma sociedade que cobra e esquece. Mas era preciso voltar. E essa transição foi difícil. Saber que os amigos tão frágeis do lugar não se lembrariam mais dos bons momentos de troca de saberes foi dolorido. Mas a realidade é essa, e como é natural do ser humano, é preciso continuar. Trabalhos são assim.

No momento da produção do livro, a alegria foi a certeza de que memórias foram eternizadas em algumas páginas, mesmo que poucas, e compartilhadas com as pessoas, para que as toquem e possam fazê-las refletir.

As dificuldades não acabaram no fim da coleta de dados. A agonia foi imensa no momento conflitante em que a coordenadora disse não poder assinar o termo de autorização proposta pelo Departamento de Comunicação da UFV por não condizer com suas perspectivas. Esse fato ocorreu bem depois da produção, quando o livro já estava praticamente finalizado. Desespero não faltou, por medo de não conseguir a formação acadêmica, e principalmente não poder divulgar algo que é fruto de um sentimento tão bom. Mas a perseverança se manteve e com a prova de que a intenção não é expor ninguém, tudo foi resolvido.

Assim, com muito afeto e pensando em cada detalhe, o livro foi finalizado. E é uma vitória poder saber e fazer uma história. É uma vitória conceber *Eu sei da minha história*.

## REFERÊNCIAS

BIANCHI, Paula. **Brasil vai se tornar um país de idosos já em 2030, diz IBGE**. Portal Terra, 2013. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/brasil-vai-se-tornar-um-pais-de-idosos-ja-em-2030-diz-ibge,91eb879aef2a2410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 11 de Junho de 2014.

BOSI, Eclea. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. **Pesquisa do IPEA mostra que 71% dos municípios não têm instituições para idosos**. Portal Brasil, 2011. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2011/05/pesquisa-do-ipea-mostra-que-71-dos-municipios-nao-tem-instituicoes-para-idosos>>. Acesso em: 11 de Junho de 2014.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge. (Org.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

FIGUEIREDO, Daniela; GUERRA, Sara; SOUSA, Liliana. **Quando começamos a envelhecer**. [200-?]. Disponível em: <[http://redesocialzemeis.moa.pt/fotos/Image/217/KdZUHYmZartigo\\_quando\\_comecemos\\_a\\_envelhecer2.pdf](http://redesocialzemeis.moa.pt/fotos/Image/217/KdZUHYmZartigo_quando_comecemos_a_envelhecer2.pdf)>. Acesso em: 11 de Junho de 2014.

GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, v. 22 n. 2, p. 201-210, Jun 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LIMA, Edvaldo P. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

\_\_\_\_\_. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 2.ed. São Paulo: Manole, 2004.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. Jornalismo literário como gênero e conceito. **Revista contracampo**. Niterói, n. 17, p. 19-42, Jul/Dez 2007.

PUC- SP. **Título** Disponível em: <<http://www.pucsp.br/pos-graduacao/mestrado-e-doutorado/gerontologia>>. Acesso em 10 de Novembro de 2014.

REBELO, Carina. M. S. **Avaliação do estado nutricional em idosos**. 2007. 192 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Aveiro. Aveiro/Portugal. 2007.

SANTOS, Silvana S. C. Gerontologia e os pressupostos de Edgar. **Textos Envelhecimento**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, 2003, p. 77-91 . Disponível em:

<[http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-59282003000200006&lng=pt](http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-59282003000200006&lng=pt)>. Acesso em 11 de junho 2014.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria H. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

VILAS BOAS, Sergio. **Jornalismo literário: um percurso filosófico**. São Paulo: ABJL/Texto Vivo Edições, 2008.

## **ANEXOS**